

A narrativa que se exclui conta-se

Há uma singularidade necessária no trabalho de João Maria Gusmão-Pedro Paiva: o seu trabalho não tem um começo, não terá por obrigatório um fim.

Desde as suas apresentações iniciais até à data da sua presença na Bienal de Veneza, pode encontrar-se uma continuidade, ou melhor, uma sequência afirmativa, um objecto que se desenvolve - o mundo, o seu mundo, constrói-se. Todavia, o acolhimento desta evidência só pode ocorrer por um exercício complexo de apreensão: o cruzamento do que é aceite como real com a sua interpretação; o encontro com a fantasia e a sua aparente negação; a afirmação conceptual e a fragilização discursiva da mesma; enfim, a proposta destes paradoxos na forma de representações.

A representação, é, ela própria, uma não representação, pois, por vezes, designa o inominável, o vazio, a sombra, a margem para lá da margem, a impossibilidade para lá do impossível, com dispositivos de apropriação que permitem leituras imediatas, simplistas, aproximações sensoriais, ou ainda, como no ritual da alcachofra, uma coreografia de paciência, onde o lugar do visitante corresponde ao espaço/tempo da viagem, até um coração encontrado na sequência de um montar/desmontar de um puzzle no qual faltam, propositadamente, peças.

O suporte narrativo e fantasmático do trabalho destes autores, remetendo, pela sua etérea e pressentida presença, para um xamã encoberto, promove a viagem cósmica nos interstícios do real e nessa poderosa capacidade documenta o próprio processo, falsificado por um embuste literário e filosófico que o acompanha, legitimado o embuste nessa literatura e filosofia, não se percebendo, finalmente, se está primeiro o embuste e a falsidade ou um real pseudo-universal.

A viagem por este projecto consome-se em experiências *meta-reais*, ou *supra-metafísicas*, como se a transcendência precisasse de novos compósitos depois da sua negação.

A personalidade sóbria, exigente, na pesquisa, no processo de trabalho e na concretização (todos eles passos que, de alguma maneira são um só) dos autores é quase modelar numa geração por vezes,

erradamente, confundida com excesso, dispersão ou ausência de disciplina.

Num percurso a muitos títulos encantatório, feito de muito labor artesanal e de perícia técnica com recurso aos dispositivos das tecnologias contemporâneas, é companheiro de jornada Natxo Checa, que com os autores partilha processos e descobertas. É um curador improvável, no contexto dos percursos ou das dinâmicas de legitimação curatoriais, mas a improbabilidade, no seu caso, é uma distinção, pela competência que tem posto nos seus passos, apesar das dificuldades do seu progresso ou do seu temperamento, por vezes agreste e sempre energético. O trabalho de Natxo Checa ao lado de João Maria Gusmão-Pedro Paiva não é só interpretativo ou de potenciação simbólica, de apresentação ou de comunicação, o seu acto é de uma companhia de percurso, numa competência autoral própria que não se confunde com a forte assinatura dos artistas que convidámos para representar Portugal em Veneza este ano, mas que com eles faz uma conjunto, numa adequação que se personifica em trindade negacionista e contudo, poética.

Este exercício cooperativo, assim como as características da presença este ano proposta por Portugal, são, para nós, exemplo forte de possibilidades e presenças nacionais que têm relevância e leitura no sistema das artes contemporâneas.

Para lá do sistema, afirma-se um estatuto de proposta de vivência, de sobrevivência, de luta – silenciosa e consequente – num mundo, por um mundo, onde a competência de criar mundos e perceber que tal competência é difícil e necessária, são chave para um projecto de sociedade onde o exercício da democracia não seja uma simples aparência.

A Direcção-Geral das Artes do Ministério da Cultura promove, assim, um projecto que, acreditamos, corresponde a uma das propostas mais marcantes da geração artística portuguesa dos autores escolhidos. Pelo seu dispositivo e competente densidade procura um entendimento, absolutamente necessário, para que se possa fazer mundo(s), reivindicando e afirmando o poder supremo de excluir a História (poder-artifício, como em tudo o que é humano), para dizer que tudo está por inventar, nas muitas dimensões do (in)visível.

Jorge Barreto Xavier

Director-Geral das Artes